



SETSUO KIDA

NOTAS
SOBRE A
FELICIDADE

M E M Ó R I A S

幸福

Copyright © 2023
por Setsuo Kida

Todos os direitos desta
publicação reservados à
Maquinaria Sankto Editora
e Distribuidora LTDA. Este
livro segue o Novo Acordo
Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total
ou parcial desta obra sem
a prévia autorização, salvo
como referência de pesquisa
ou citação acompanhada
da respectiva indicação. A
violação dos direitos autorais
é crime estabelecido na Lei
n.9.610/98 e punido pelo artigo
194 do Código Penal.

Diretor Executivo

Guther Faggion

Diretor de Operações

Jardel Nascimento

Diretor Financeiro

Nilson Roberto da Silva

Publisher

Renata Sturm

Edição

JS Editorial

Organização dos textos

Vanessa Nagayoshi

Direção de Arte

Rafael Bersi, Matheus da Costa

Revisão

Sergio Nascimento

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA – CRB-8/7057

Kida, Setsuo

Notas sobre a felicidade : memórias / Setsuo Kida. -- São Pau-
lo : Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora Ltda, 2023.

224 p.

ISBN 978-65-88370-85-8

1. Kida, Setsuo – Biografia I. Título

22-7134

CDD 920.71

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Kida, Setsuo – Biografia

maquinaria
EDITORIAL

Rua Pedro de Toledo, 129 - Sala 104
Vila Clementino - São Paulo – SP, CEP: 04039-010
www.mqnr.com.br

SETSUO KIDA

NOTAS

SOBRE A

FELICIDADE

MEMÓRIAS

幸福

SUMÁRIO

- 7 **APRESENTAÇÃO**
- 9 **INTRODUÇÃO**
- 13 **CAPÍTULO 1**
LUTE ATÉ ESGOTAR
TODAS AS POSSIBILIDADES
- 55 **CAPÍTULO 2**
O OBJETIVO FUNDAMENTAL
DA MINHA VIDA
- 99 **CAPÍTULO 3**
HONESTIDADE ACIMA
DE TUDO
- 145 **CAPÍTULO 4**
FORTE, FELIZ E MOTIVADO
ATÉ O MEU ÚLTIMO
MOMENTO
- 197 **EPÍLOGO**
- 209 **MEMÓRIAS**
GALERIA DE FOTOS

APRESENTAÇÃO

Conheci Setsuo Kida nos encontros semanais do Daion, em 2019, sempre acompanhado da sua elegante esposa Maria Helena. Formavam um belo casal e se destacavam pela harmonia nas posturas físicas e emocionais. Kida-san, uma pessoa agradável e respeitada por todos, demonstrava muito apreço pela vida, com conhecimentos amplos e diversificados revelados nas conversas e nos depoimentos, que gostava de fazer em todas as oportunidades. Dava ênfase ao amor à sua família, em especial à sua amada, e suas palavras oportunamente eram enriquecidas pelos princípios da valorização humana e exemplificadas pelas suas experiências.

Ao percorrer as páginas maravilhosas deste livro, um filme vai se projetando dentro de cada um de nós, envolvidos pelo encantamento de sua narrativa realista e humana, de regresso no tempo e no espaço. Kida-san deixa de ser apenas um amigo octogenário ao vivenciar ativamente a atualidade, vislumbrando seus momentos crepusculares. No livro, viajamos nas origens, nos acontecimentos políticos e sociais, ao mesmo tempo que a história de sua família vai sendo narrada. Sonhamos como imigrantes, nos emocionamos com suas dificuldades ao se adaptar à nova nação mãe, o Brasil. A grande família Kida, com oito filhos,

cujo primogênito é o nosso amigo Setsuo, sob a tutela de pais determinados e disciplinados, mantém-se unida mesmo após a casa ter sido consumida pelo incêndio. Ele aprendeu a superar as adversidades desde bem jovem, como conseguir atravessar as cumeeiras na infância, vencer o vestibular para ingresso ao ITA, ser campeão de tênis em sua modalidade, campeão de karaokê em sua categoria e se tornar um grande empresário pela LSK Produção e Gestão de Documentos Ltda.

Esta produção literária revela-nos o grande ser humano que habita em Kida-san. Desde muito pequeno, já ajudava seus pais, cuidava de seus sete irmãozinhos e alimentava-os, e sempre manteve cordialidade, respeito e honestidade no plano empresarial. Também amou seus filhos primordialmente e nutriu um carinho especial por sua amada, companheira de longa jornada.

Enfim, ao mostrar as várias facetas da vida profissional, social, familiar, afetiva e os padecimentos nos relatos bem documentados, em cada momento somos conduzidos a reflexões profundas, empatizando-nos pelas circunstâncias exemplificadas e permitindo-nos formular princípios para a nossa vida.

Com gratidão.

TOSHIO ARIMORI

Médico e Membro da Academia Linense de Letras

INTRODUÇÃO

Certo dia, no ano de 2010, a minha filha Marcia sugeriu que eu escrevesse minhas memórias, imaginando estar contando a história da minha vida aos meus quatro netos. Concordei com a ideia, pois ela me conectava novamente com a minha família, meus amigos e meus sonhos de outrora. Então, comecei a escrever.

Contudo, no decorrer dos dias, a realidade mostrou a sua faceta mais dura, com muitas ocupações e preocupações, recheadas de compromissos, clamando para as responsabilidades da minha empresa LSK. Resolvi dar uma pausa na escrita, pausa esta que perdurou cerca de dez anos. Já com 87 anos, resolvi dar continuidade ao projeto inicial de voltar a registrar as minhas memórias.

Nessa idade, a natureza humana, em alguns momentos, nos trai, e muitos fatos da minha vida tornaram-se distantes das minhas recordações, trazendo algumas incertezas. Mesmo assim, decidi escrever baseado nos fatos que ainda bailam em minha mente, sem me preocupar com as partes adormecidas.

O início da minha história é composto de relatos e recordações que têm início no casamento dos meus pais, no ano de 1932, e terminam no ano de 2022. Escrevo respeitando a

minha personalidade e a coerência com os meus valores e com as convicções que sempre me nortearam na vida, mesmo nos momentos difíceis.

Os nomes das pessoas são todos reais e os fatos são verídicos e relatados dentro das minhas percepções. Creio que sou uma pessoa de muita sorte e abençoado por Deus. Sempre encontrei uma motivação na minha vida que me dava forças para enfrentar, persistir e superar, e assim conheci a felicidade nas realizações que se completaram quando aprendi a amar as pessoas com humildade.

Desejo que este modesto trabalho traga a compreensão e seja útil e de muito valor para os meus queridos netos, Marcel, Julian, Marina e Leo, jovens adultos de vinte a 26 anos de idade, tendo formação acadêmica de qualidade nas profissões de suas escolhas para solavancarem a vida profissional e pessoal.

Desejo também compartilhar com os meus queridos filhos, Luis e Marcia, meus irmãos, cunhados e amigos a minha experiência de vida, e que esta possa ser avaliada e compreendida, perdoada em alguns aspectos, enaltecida em outros e, ainda, juntos, saborearmos a alegria de viver nos tempos derradeiros.

Agradeço à minha filha Marcia e a muitos amigos que me incentivaram a continuar escrevendo mesmo com a idade avançada; e agradeço a Deus por ter conseguido terminar o meu trabalho com saúde física, mental e social.

SETSUO KIDA

Agosto de 2022



幸福



“

*Não serei feliz enquanto não
decidir ser feliz.”*

SETSUO KIDA

C A P Í T U L O 1

LUTE ATÉ ESGOTAR TODAS AS POSSIBILIDADES

Papai construía grandes galinheiros com vigas de eucaliptos e coberturas de sapé no sítio onde morávamos. Eu tinha dez anos, e ele costumava me chamar para ajudá-lo na construção. Na fase inicial, as vigas eram montadas sem paredes e fixadas em taquaras antes de cobrir com sapé. A parte mais alta era a cumeeira de eucalipto, que ficava a cerca de quatro metros do chão. Papai conseguia ter o equilíbrio para andar sobre ela, atravessando de uma ponta a outra, tranquilamente como se estivesse andando no chão.

Certo dia, ele me pediu que fizesse o mesmo. Eu nunca fui uma criança corajosa – na verdade, era tímido, chorão e desajeitado para muitas coisas. Por ser o primeiro filho, neto e sobrinho de uma família numerosa, eu era muito mimado. Só aprendi a andar de bicicleta após inúmeras quedas e ferimentos, porque minha insegurança me fazia cair toda vez que eu tentava me equilibrar. Nesse dia, tive muito medo ao subir na

extremidade da cumeeira. Não tive coragem de ficar de pé e fiquei sentado, como se estivesse montado em um cavalo. Ouvi meu pai gritar: “Levante-se e comece a andar olhando para a frente; não olhe para os seus pés!”. Não consegui me levantar e, por um momento, desisti.

Tosaku Kidai era um japonês exigente e rigoroso, que trazia consigo os costumes e valores da cultura do Japão daquela época. Elogiar os valores dos membros de sua família, por exemplo, era considerado uma atitude não recomendável. Não se deve nunca se vangloriar das qualidades ou dos feitos dos seus filhos. Certo dia, ele disse a um conhecido: “Este meu filho não presta para nada, não sabe fazer coisa que preste”. Fiquei profundamente magoado.

Depois que o visitante foi embora, fui imediatamente tirar satisfações com ele. Papai então me explicou que não se deve elogiar as pessoas da família para os outros. Não concordei, mas tive que aceitar, porque ele argumentou com tanta firmeza que pareceu que assim deveria ser.

Apesar de não ter conseguido ficar de pé na cumeeira de primeira, eu não desisti. Comecei a treinar andando sobre uma tora de eucalipto no chão, imaginando estar a quatro metros de altura. Repeti muitas vezes esse exercício. Não sei se foi o medo da repreensão do papai por não cumprir a sua ordem ou uma ajuda divina que recebi, mas consegui ficar de pé sobre a cumeeira no alto. Olhando firmemente para o outro extremo, respirei fundo e comecei a andar, dando um passo de cada vez.

Depois de dar muitos passos totalmente concentrado na travessia, sem perder o equilíbrio, controlando-o com os movimentos dos braços e do corpo, finalmente cheguei à outra ponta. Com suor dos pés à cabeça, a sensação era de alívio – de vitória! Papai bateu palmas e disse: “Não foi fácil?”. Não foi fácil. Mas aprendi uma grande lição: é preciso bravura e determinação para chegar aonde se quer. Após essa primeira experiência bem-sucedida da minha vida, consegui andar sobre a cumeeira com naturalidade, assim como papai.

Essa experiência foi muito importante para a formação dos meus valores, que me acompanham até hoje. A forma como meu pai cobrava de mim coragem e atitude serviu para eu conseguir lutar e enfrentar muitos desafios que tive ao longo da minha vida. Agradeço a ele por essa grande lição. Assim como agradeço à minha mãe, que se dedicou aos oito filhos em tempo integral e que também foi para mim um exemplo de conduta.

Na verdade, os aprendizados que adquiri dos meus pais não só me prepararam para a vida no futuro, como também me prepararam para a realidade dura que vivíamos naqueles tempos. Por ser o primogênito da família, desde criança eu já tinha grandes responsabilidades, que iam desde cuidar dos meus irmãos na ausência dos meus pais até ajudá-los na agricultura – e tudo isso vivendo em condições de pobreza. Então, eu não tinha tempo para chorar ou reclamar. Na verdade, era forçado a enfrentar todas as dificuldades, sempre olhando para a frente, como havia aprendido a andar na cumeeira.

ONDE TUDO COMEÇOU

Filho de pais imigrantes, tive uma infância de muita pobreza e trabalho árduo, assim como era a situação da maioria das famílias que vinham para o Brasil no início do século XX, deslumbradas com a falsa promessa de trabalhos lucrativos. Embora, na teoria, fosse um trabalho remunerado, na prática os imigrantes só estavam aqui para suprirem a falta de mão de obra decorrente da abolição da escravidão, tendo de trabalhar para grandes fazendeiros donos de plantações de café, recebendo valores pífios e vivendo em condições insalubres. E as famílias acabavam não podendo voltar ao Japão, muito menos da forma como planejavam: com grandes poupanças para reconstruírem suas vidas na terra natal.

Os nove membros da família Fujita – meus pais, Tosaku Kida e Hideko Fujita, meus avós Tsurukiti Fujita e Kazu Fujita, e meus tios Fumiko, Katsumi, Michiko, Atsushi e Tomoko, de apenas alguns meses de idade – partiram do porto da cidade de Kobe no dia 21 de janeiro de 1933. Meu pai era recém-casado e viajou como responsável pela família.

Mas por que meu pai, com 23 anos de idade, assumiu a responsabilidade pela família Fujita na imigração para o Brasil? A história que meus pais me contaram é que o meu avô, Tsurukiti, queria imigrar com a sua família para cá, mas havia um problema: ele tinha 64 anos e a idade limite para poder ser o responsável de uma família de imigrantes era de 60 anos. Depois de muito pensar, vovô teve uma brilhante ideia: realizar o casamento da

sua filha mais velha, Hideko, que na época tinha 22 anos, para que seu genro pudesse assumir esse papel no seu lugar e, assim, poder realizar o seu desejo de imigrar para o Brasil.

Papai morava na casa do seu irmão mais velho, que era casado e um advogado influente da cidade de Sapporo. Vovô então foi até a sua residência para propor a ele um casamento com Hideko. Ele mostrou ao jovem Tosaku uma fotografia 3X4 monocromática da filha e perguntou se se casaria com ela na condição de imigrar imediatamente para o Brasil, assumindo o papel de responsável da família Fujita. Papai, que também estava com vontade de vir para cá, além de receber apoio do irmão, aceitou sem hesitar.

Meu avô voltou muito contente para a sua casa e mostrou para Hideko uma fotografia 3X4 monocromática do jovem Tosaku e perguntou o que ela achava de aquele rapaz ser o seu marido. Ela timidamente balbuciou: “Me parece interessante”, e ele respondeu com grande satisfação: “Que bom que você gostou dele. Eu já registrei o casamento de vocês no cartório!”.

É inimaginável para nós, brasileiros, esse tipo de casamento. No Japão, o matrimônio daquela época era feito por meio do *miai*, uma tradição japonesa de unir pretendentes arranjados. O *nakoodo* era o representante dos pais do pretendente que fazia uma “pesquisa de mercado” para encontrar uma esposa ideal. Diziam os japoneses adeptos do *miai* que o importante é encontrar um moço e uma moça com saúde física e mental e

com histórico saudável dos seus parentes diretos. Além disso, o amor entre eles deve ser responsabilidade de ambos e desenvolvido com a convivência.

Após a anuência dos pais da candidata, realizava-se o *miai*, a reunião de família para o encontro dos possíveis pretendentes para o casamento. Após essa reunião, os pretendentes recebiam a permissão para se encontrarem a sós, a fim de decidirem se querem ou não confirmar a proposta do matrimônio.

No caso da minha mãe, ela não teve a oportunidade de realizar esses encontros a dois, já que o meu pai, o irmão dele e meu avô já haviam decidido antes. Ela teve somente a oportunidade de dizer “sim” olhando a fotografia 3X4 monocromática do futuro marido, quando o compromisso no cartório já estava formalizado. Eles se casaram e, então, no dia 19 de março de 1933, após 58 dias de longa viagem no navio Arizona Maru, a família Fujita chegou ao porto de Santos.

EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR

O destino da família Fujita no Brasil foi um pouco diferente. Ao contrário da maioria dos imigrantes, que chegavam aqui e logo eram enviados para os cafezais, minha família foi recebida por recrutadores japoneses que a enviaram para um local isolado, no meio de uma mata virgem, no município de Sete Barras, escapando da exploração nos cafezais. Lá, venderam a promessa de uma terra fértil e ampla, e uma possibilidade de ganhar muito dinheiro como produtores agrícolas.

Porém, esse trabalho acabou sendo mais pesado do que no cafezal. Sem nenhuma experiência em agricultura, meus pais tiveram que derrubar a mata com machado e preparar o terreno para plantar arroz, feijão, mandioca e milho. Certo dia, cortando uma árvore alta com machado, meu pai sentiu um galho seco cair sobre o seu ombro, e por pouco esse não foi um acidente fatal, já que não caiu sobre a sua cabeça. Entretanto, deixou uma sequela permanente: ele teve de conviver até o fim da vida com dores no ombro direito.

No dia 5 de maio de 1935, ao som dos barulhos dos bugios, eu nasci. Papai costumava dizer que eu era filho de bugios, porque nasci em um lugar onde havia muitos deles. Vim ao mundo com o nome de Setsuo Kida, o primeiro filho dos meus pais, o primeiro neto dos meus avós e o primeiro sobrinho dos meus tios. Vivi apenas seis meses na colônia, pois minha família decidiu ir embora para outro lugar.

Apesar de muito trabalho pesado com as plantações durante mais de dois anos, o resultado financeiro foi totalmente inaceitável. A produção agrícola da colônia não era tão lucrativa quanto diziam e não havia chances de prosperar. Além disso, havia um problema: meus pais não eram livres para sair, porque havia compromisso contratual de permanecer no local por muito mais tempo. Então, eles decidiram fugir.

Meu pai contou que, em uma noite escura, carregando poucos pertences, e minha mãe me segurando no colo, desceram o Rio Ribeira e remaram em um pequeno barco até um local seguro, onde a vigilância da colônia não podia mais nos avistar.

Não sei dos detalhes seguintes dessa odisseia. Sei que acabaram se estabelecendo em um sítio no município de Suzano, pois tenho uma fotografia minha rodeado de tomates colhidos naquela plantação.

Do sítio em Suzano, meus pais se mudaram para Jaguaré, onde havia uma pequena fábrica de adubos chamada Kanakao, cujo dono era um japonês. Meu pai conseguiu um trabalho como operário, e toda a nossa família pôde se instalar em um alojamento que ficava na mesma propriedade. Dessa época, alguns episódios ficaram marcados, desde eventos banais até acontecimentos grandes, como o nascimento dos meus irmãos.

Durante a minha infância, fui chamado pela minha família de “Setyan”. “Setyan! Não mexa no seu cocô, que é sujo!”, gritou a minha tia Fumiko. Não sei qual era a minha idade, talvez menos de três anos, mas acredito que essa tenha sido a lembrança mais antiga que está registrada na minha mente: quando eu estava com diarreia e mexia com os meus dedinhos o cocô líquido e amarelado que havia escorrido da minha calça para o chão. Minha tia limpou toda a sujeira.

Lembro-me também da festa de Natal de uma associação da colônia japonesa a que papai nos havia levado. Quando o Papai Noel chamou o meu nome para ir buscar o presente, eu não quis ir e comecei a chorar pela insistência do meu pai. Acho que eu estava com medo ou com vergonha de subir no palco.

Outra lembrança da minha primeira infância que está muito clara na minha mente foi a noite do nascimento da minha irmã Reiko, em 1938. Eu tinha três anos. A noite estava estrelada e

fria quando eu e meu tio Atsushi saímos no meio da mata com um lampião de querosene iluminando o caminho até a fábrica de adubos para avisar o meu pai do nascimento da segunda filha. Dali em diante, minha memória não tem mais registro. Com exceção de mim, que nasci no hospital, minha avó foi parteira de todos os netos. Assim, os meus sete irmãos nasceram todos dentro de casa.

Logo após o nascimento da minha irmã Reiko, papai resolveu mudar para um sítio perto da fábrica de adubos e começar a plantar novamente, pois ele não queria continuar sendo um operário. Nessa época, mais um evento marcante aconteceu: o nascimento do meu irmão Norio, em 1940. Eu tinha cinco anos. Lembro-me até hoje da minha reação de curiosidade, surpresa e dúvida quando assisti, através da fresta da porta do quarto, a cena do parto. Havia uma grande quantidade de sangue espalhada pela cama – algo surpreendente para um menino de cinco anos. Foi ali que eu entendi que não é a cegonha que traz o bebê. Ninguém ficou sabendo que eu espiei o nascimento do meu irmão, pois nunca confidenciei isso a ninguém.

Meses depois, papai me inscreveu em uma escolinha de japoneses que ficava dentro de uma fazenda, onde havia vacas, cavalos, patos e gansos. Nessa época, minha mãe me ensinou aritmética (soma, subtração, multiplicação e divisão) e aprendi a tabuada completa de multiplicação até o nove em japonês. Como um típico chefe da família tradicional japonesa, meu pai era rigoroso e me exigia o comportamento exemplar que esperava de um filho primogênito.

Todas as manhãs, eu tinha que caminhar até a escola, passando por um pasto onde gansos e patos andavam em grupo. Certa manhã, ao atravessar a porteira da fazenda, deparei-me com os gansos, que estavam no meu caminho. Eles começaram a grasnar alto e a se comportar de forma ameaçadora para um menino de cinco anos. Apavorado, não tive coragem de passar entre eles e me afastei imediatamente para fora da porteira. E agora, o que fazer? Eu não poderia voltar para casa, porque papai iria me repreender pela minha falta de coragem. Não poderia ir à aula, porque o único jeito seria passar pelos gansos.

Resolvi então subir no alto do campo, que ficava do outro lado da fazenda. Era um local elevado e distante da minha casa, com muito capim e sem gado. Do alto, dava para ver a minha casa, mas, pela distância, quase não conseguia distinguir quem estava lá. Eu acreditava que ninguém poderia me ver e me reconhecer naquela altura.

Fiquei lá esperando o tempo passar até acabar as aulas. Assim que deu a hora, voltei para casa tranquilamente, dizendo: “Tadaima” (cumprimento em japonês ao retornar para o lar). De repente, papai apareceu com cara de “poucos amigos”, bravo e sério, e me levou até a árvore que ficava na frente de casa, junto ao riacho. Ele me amarrou no tronco e me bateu com força, dizendo: “Isso pra você aprender a não faltar aos compromissos nem mentir para o pai”. Ele havia me visto perambulando no alto da colina.

Não guardei rancor pela surra que levei e aceitei como lição para aprender que não se pode mentir nem tentar enganar as

peças. Dependendo da forma como a criança reage ou interpreta uma situação, ela pode tanto levar como um ensinamento quanto como um trauma ou uma mágoa. Eu poderia muito bem ter ficado com raiva do meu pai, mas aprendi a lição.

O SÍTIO DE TIJUCO PRETO: INÍCIO DE UM SONHO

Meu irmão Norio tinha poucos meses quando papai conseguiu comprar um sítio no município de Guarulhos, no bairro de Tijuco Preto. Não sei onde ele conseguiu o dinheiro, mas custou 6 mil contos à vista, mais doze parcelas mensais iguais de quinhentos contos. Lembro-me de que viajamos na cabine do motorista de um caminhão velho, ao lado da mamãe, que segurava Norio e Reiko no colo.

O terreno tinha seis alqueires de área, e a casa onde passamos a morar era feita de paredes de barro, cobertura de sapê e chão de terra batida. O sítio ficava a dois quilômetros da rodovia Presidente Dutra, que, naquela época, estava sendo construída. Hoje em dia, há muitas residências na região, mas antigamente era um lugar rural e isolado, e tinha apenas uma dúzia de casas, todas sitiantes.

A maioria dos moradores eram famílias de imigrantes japoneses, que tinham muitas características em comum: todas eram muito pobres, tinham filhos pequenos e exploravam a avicultura e a agricultura. As crianças andavam descalças, porque não tinham sapatos para dias comuns. Cada filho ti-

nha um par somente para ir ao hospital em São Paulo, para ir à festa de casamento ou visitar os vizinhos no oshogatsu (Ano-Novo japonês).

Nesse sítio meus pais sonhavam em ganhar dinheiro, criar a família e realizar o sonho de imigrantes do Japão. Meus pais começaram a trabalhar arduamente, plantando verduras e criando galinhas poedeiras. Meu pai era o associado nº 913 da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), para onde enviávamos os nossos produtos de caminhão, a fim de serem comercializados. Os cooperados reclamavam que a comissão sobre venda era muito alta.

Também criávamos coelhos em gaiolas. Esse conhecimento veio do meu avô, que nos passou toda a experiência que teve no Japão. Aprendemos técnicas para acasalamento do casal de coelhos. Quando a fêmea estava no período de cio, bastava colocar o macho dentro da gaiola, perto dela, que imediatamente tinha início o processo de cruzamento. Ao atingir o seu objetivo, o macho tinha um sobressalto e caía de cima da fêmea, e então esperávamos o período de gestação de alguns meses até nascer muitos coelhinhos.

Os coelhos eram alimentados com couves, repolhos e cenouras. Não precisava, e nem deveria, oferecer água a eles. Para matá-los, bastava segurá-los pela orelha e dar uma pancada com pau. Mamãe preparava diversos pratos deliciosos com carne de coelho. Com a pele do animal, ela produzia bolsas e outros artefatos. A pele do coelho era removida e pregada em uma tábua com pregos para expor ao sol até ficar bem seca.

Eu costumava observar a vida de porcos, galinhas, gatos, cachorros e outros animais domésticos que tínhamos no sítio. Gostava de acompanhar a galinha botando ovo e o galo correndo atrás dela. Várias vezes acordava com o barulho de gatos acasalando no meio da noite. Eu achava interessante acompanhar a cadela no cio. Quando o macho alcançava o seu objetivo, a fêmea soltava um forte grito, aparentemente de dor, e depois ficava por muito tempo pendurada nele até o seu pênis amolecer. Cópulas de suínos, bovinos e equinos eram outras cenas que observei durante a minha infância. Eu ficava impressionado com o tamanho do pênis do cavalo entrando no orifício pequeno de uma égua.

Eu, um menino de pequena estatura, com muito esforço conseguia colocar os arreios no meu cavalo, que era velho e manso. Subia no seu lombo e ia cavalgando em torno de doze quilômetros, em passos lentos, durante mais de duas horas, até chegar em Itaquera, onde ficava o sítio dos meus avós e tios. Gostava de ir lá porque a casa era feita de tijolos e assoalho de madeira.

Havia diversas árvores de frutas, como caqui, pera, jabuticaba e laranja, que eu podia livremente colher para comer. Também havia um lago que, na minha lembrança, era muito grande e tinha muitas carpas. Depois de passar alguns dias no sítio dos meus avós, novamente colocava os arreios no meu pangaré e voltava em passos lentos para o sítio dos meus pais. O meu cavalo só andava, não corria de jeito algum.

Papai tinha dois empregados que trabalhavam no sítio e moravam em um barraco próximo à nossa casa. Eu costumava ir lá durante a noite após o jantar. Gostava de ouvir as histórias

que contavam sobre mulheres de meretrícios e outras coisas que faziam como adultos. Aos domingos, eu acompanhava um dos empregados nos jogos de futebol – gostava de assisti-lo jogar.

A situação da minha família nunca foi boa. Diziam naqueles tempos que as pessoas faziam filhos para ter mão de obra. Em 1942, nasce o meu terceiro irmão, Motoyuki. Aos sete anos, eu tinha que cuidar dos meus irmãos em casa na ausência dos meus pais. Como eles passavam a maior parte do dia trabalhando nas plantações, o meu trabalho diário era preparar o almoço da família, cozinhar arroz e feijão, lavar verduras para salada, lavar as fraldas e cuidar dos coelhos e porcos. Não sobrava tempo para brincar.

Nas poucas vezes em que eu tinha tempo livre, ouvia músicas japonesas gravadas em discos de 78 RPM em uma vitrola de manivela. Eu cantava junto em voz alta, achando que estava abafando, cantando bem e agradando aos que me ouviam. Certo dia, papai se aproximou e disse: “Pare de cantar em voz alta, você tem voz de taquara rachada!”. Sua observação me chocou profundamente. Criou-me um trauma psicológico e perdi totalmente a vontade de cantar. Passei a cantar somente em grupo e quando era obrigado, como o hino nacional na escola e o “Parabéns pra você” em festas de aniversário. Nunca contei ao meu pai sobre o trauma que ele havia causado em mim.

Mesmo quando não tinha tantas opções de lazer, achava um jeito de passar o tempo. Como uma criança da roça, eu vivia no campo caçando passarinhos com arapucas que eu mesmo montava com galhos de árvore e cipó. Eu tentava acertar nos

passarinhos com estilingue que eu mesmo produzia. Eu não era um bom atirador e raramente conseguia acertar o alvo. Eu também gostava de matar cobras, principalmente cascavéis, que era muito comum encontrar no campo.

A cerca de quatro quilômetros de distância da minha casa, havia um pasto de uma fazenda com muitos cogumelos brancos, grandes e comestíveis, aonde muitas pessoas iam para colher e depois comer. Por isso, era preciso ir bem cedo para chegar antes dos outros e conseguir fazer uma boa colheita. Em uma outra fazenda, que ficava perto do rio Tietê, tinha muitas jabuticabeiras; elas eram doces e suculentas. Lembro-me de ter ido lá várias vezes para chupar as jabuticabas colhidas diretamente dos troncos. Naqueles tempos, o rio Tietê era cercado por mata e corriam águas límpidas, onde era possível nadar e pescar lambaris, carás e até traíras.

Minha mãe costumava manter na estante da cozinha um vidro grande cheio de balas. Toda vez que eu sentia vontade de chupar uma bala, ia até o vidro e retirava uma bala escondido. Ingênuo, eu acreditava que mamãe não sabia que eu fazia isso. Hoje, acredito que ela sabia muito bem, mas, por razões que desconheço – talvez por ser o filho mais velho e, portanto, mimado pela família –, ela não proibia esses atos.

Eu era um menino um tanto solitário. Quando criança, diria que até a minha juventude, eu era muito introvertido, não era nada expansivo e constantemente fazia reflexão sobre a vida. Eu gostava de ler uma revista infantil que vinha diretamente do Japão e que contava a trajetória de vida de várias figuras

marcantes da história. A que mais marcou foi a do general Nogi Maresuke, que foi considerado herói nacional pela vitória do Japão contra o Império Russo na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Ele nasceu em uma família muito pobre, mas os pais sempre procuravam transmitir a ele os valores. Quando ia para a escola, Nogi levava de lanche o chamado hinomaru bentô, uma “marmita” com arroz e umeboshi (uma espécie de “ameixa” ácida e salgada).

O Japão nessa época era extremamente pobre, e esse lanche não era muito nutritivo. Mas, mesmo depois de se tornar general, tendo uma vida financeira boa, Nogi conta que pelo menos uma vez por mês comia o hinomaru bentô. Para mim, isso foi um grande ensinamento: apesar de ter tido uma vida difícil, ele deu muito valor ao que tinha para comer e nunca renegou suas origens, sempre reconhecendo a importância de cada coisa que podia ter em uma época que não se tinha quase nada.

Outra figura que também foi a minha referência foi Abraham Lincoln, que foi presidente dos Estados Unidos em 1861. Ele foi lenhador e não teve oportunidade de ir à escola; aprendeu a ler e a escrever com a mãe, usando uma tábua e um carvão. Assim como o general Nogi, mesmo depois de ascender na vida, tornando-se presidente de um país, Lincoln manteve sua humildade: ele costumava engraxar o próprio sapato. Tanto o general Nogi quanto Abraham Lincoln praticaram gratidão pelos ensinamentos que adquiriram da vida dura e difícil e por tudo o que conquistaram.

A DIFICULDADE DE SE ADAPTAR À VIDA ESCOLAR

Em fevereiro de 1943, com quase oito anos de idade, fui matriculado na Escola Mista do Bairro dos Pimentas, que ficava a cerca de três quilômetros de distância da nossa casa. Eu caminhava descalço trinta minutos para chegar até lá. O caminho era de terra e passava pelas chácaras das famílias Yamamoto, Hara, Takahashi, Fuke e Tanaka. Quando eu passava pela porteira do sítio dos Takahashi, os cachorros latiam em coro. Certa manhã, eles avançaram na minha direção; não me morderam, mas fiquei tão apavorado que isso me traumatizou. Desde então, desenvolvi um pavor muito grande por latidos e nunca mais consegui gostar de um cachorro na minha vida. Até hoje, sinto um medo inconsciente que parece se originar da lembrança desse ocorrido.

Na escola, tive dificuldade de me adaptar por não saber português. Como meus pais falavam somente o japonês, eu não pude aprender o português até entrar na escola primária. Quando me matriculei, eu não sabia nada além de “obrigado”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “arroz”, “feijão” e “laranja”. Eu tinha dificuldade de conjugar os verbos e formar uma sentença completa, assim como os outros filhos de japoneses que se matricularam no mesmo ano.

A sala de aula era para os dois anos do curso primário, o primeiro e segundo, e era mista – ou seja, havia meninos e meninas. O nome da minha professora era Dona Edila, uma senhora alta e um tanto gorda, simpática e muito atenciosa. Notando a